SILVA, Gilvan Ventura da; SILVA, Érica Cristhyane Morais da. *Fronteiras e identidades no Império Romano: aspectos sociopolíticos e religiosos*. Vitória, ES: GM Editora, 2015, 210 p.

Janira Feliciano Pohlmann [*]
Doutoranda em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 14/07/2015**
● **Aprovado em: 03/01/2016**

Esta obra é fruto de conferências ocorridas no V Colóquio Internacional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, *Fronteiras sociais e identitárias no Mediterrâneo antigo*, evento realizado nas dependências da Universidade Federal do Espírito Santo, em outubro de 2013. Conforme sugere o título, os textos apresentados trazem análises das dinâmicas entre o *identificar* e o *diferenciar*, ocorridas no universo múltiplo do Império Romano. Ao examinar distintos discursos, neste livro, os historiadores demonstram movimentos que procuravam homogeneizar grupos distintos sob uma única denominação e que, no percurso, acabavam por marcar diferenças e criar fronteiras geopolíticas, sociais, religiosas, econômicas e culturais.

Separada em duas grandes partes, uma dedicada ao período do Principado e a outra à Antiguidade Tardia, nesta coletânea, diversidade religiosa, elaborações discursivas, utilizações e readaptações das tradicionais virtudes romanas, entre outros elementos, tiveram a atenção dos pesquisadores. Já no *Prefácio*, intitulado *Um Império Plural*, Silvia Marcia Alves Siqueira, marcou a multiplicidade com a qual os romanos conviviam e alertou sobre o emprego dos conceitos *identidade* e *identidades* por parte dos demais autores.

Arguições político-religiosas são centrais no capítulo de Claudia Beltrão da Rosa. Em *Religião e poder: Augusto e o pontifex maximus (36-12 aec)*, a autora percebe a transformação da paisagem religiosa da *urbs* por Augusto e observa como, ao agir sobre o espaço físico dos cultos, o governante renovou as instituições religiosas. Neste ínterim, a partir de construções discursivas cuidadosamente articuladas, uniu o cargo de *pontifex maximus* ao *princeps*. Por

[*] Doutoranda em História pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos da UFPR (NEMED-UFPR).

isso, a historiadora propõe reflexões sobre a individualização do poder deste governante em prejuízo das grandes famílias romanas.

A edificação de uma identidade cristã por meio da assimilação de identidades romanas é analisada por Ramón Teja em *¿Romanos o cristianos? La apropiación de la identidad romana por el cristianismo*. Teja argumenta a respeito da integração entre o cristianismo e a cultura e instituições romanas ocorrida ao longo da Antiguidade Tardia. Em um contexto em que as fronteiras entre os seguidores de Cristo e de outras divindades eram bem mais confusas do que determinados documentos cristãos nos fazem crer, o autor ressalta um processo no qual o cristianismo precisou canalizar diversidades para estruturar sua identidade.

Ainda sobre a temática religiosa, em *O discurso agostiniano em A Cidade de Deus: a construção de uma fronteira entre cristãos e pagãos*, Márcia Santos Lemos chama à discussão a monopolização do sagrado, por parte do cristianismo, no processo de construção identitária desta religião, bem como a necessidade de criar uma memória coletiva que abarcasse e propagasse tal identidade. A partir de seus estudos sobre *A Cidade de Deus*, a autora demonstra como Agostinho elaborou seu discurso sobre o "ser cristão" a partir da reprovação das práticas politeístas.

No capítulo *Entre Calígula e Nero: o governo de Cláudio na obra de Dion Cássio*, de Ana Teresa Marques Gonçalves, encontramos tradições concorrentes e/ou complementares que sustentaram imagens de Calígula e de Nero. Baseada na obra de Dión Cássio, a autora examinou como um historiador, membro da elite romana, magistrado e funcionário público apresentou o esvaziamento dos poderes senatoriais e a criação de um poder autocrático, imprescindível para a manutenção da ordem social.

Os estudos a respeito de identidades em obras de historiadores antigos prosseguem no capítulo de Catalina Balmaceda. Em uma sociedade na qual vícios e virtudes eram contrapostos com o intuito de, respectivamente, reprovar erros e moldar exemplos, em *Virtus romana en la frontera norte del Imperio: germanos y britanos según Tácito*, a autora propõe reflexões sobre o conceito de *virtus* e destaca a *libertas* como um importante princípio exaltado por Tácito. Assim, no jogo entre servidão e liberdade, foram construídas fronteiras culturais as quais identificavam e diferenciavam romanos, germanos e britânicos.

Exposta uma das fronteiras culturais elaborada e propagada pelos textos de Tácito, o capítulo de Fábio Duarte Joly, por sua vez, esclarece-nos a respeito de algumas fronteiras sociais e econômicas anunciadas durante o Principado. Em *Escravidão e fronteiras sociais e identitárias no mundo romano*, são apresentados o conceito de "sociedade escravista" e suas

limitações. Em contrapartida, o autor propõe a superação da tendência à uniformização da escravidão no Mediterrâneo, ainda muito frequente nas investigações sobre o tema.

Elementos culturais, religiosos, econômicos, sociais e geopolíticos foram vinculados para formular *uma* identidade nobiliárquica no texto *Relações e distinções dos conceitos de gens e populus e a construção de uma identidade nobiliárquica na Hispania visigoda na Antiguidade Tardia (séculos VI - VII)*, de Renan Frighetto. Ao problematizar conceitos como *gens* e *populus*, a partir das obras de Isidoro de Sevilha, Bráulio de Zaragoza e Juliano de Toledo, o autor argumenta que estes pensadores do universo eclesiástico católico tinham interesse em erigir uma unidade política e religiosa para a sociedade hispano-visigoda (*populus gothorum*).

Percepções Imperiais sobre o desenvolvimento da Alexandria Ptolomaica foram apresentadas no texto de Joana Campos Clímaco a partir do estudo do contexto imediatamente posterior ao da fundação da cidade instituída por Alexandre. Em concordância com a historiadora, se, por um lado, escritores gregos como Diodoro, Estrabão e Flávio Josefo reproduziam elogios à grandeza e à riqueza daquela cidade, os latinos, como Vitrívio e Sêneca, nutriam opiniões negativas. Louvores e recriminações à cidade de Alexandre geravam identificações e marcavam diferenças. Neste caminho, conforme afirmação da autora, através da censura aos reis helênicos, a superioridade romana era elogiada.

Estudos sobre a promoção de identidades romanas vinculados à cidade e ao universo urbano também foram propostos por Gilvan Ventura da Silva e Érica Cristhyane Morais da Silva, organizadores desta coletânea. O primeiro, examina o olhar lançado pelo imperador Juliano sobre o modo de vida dos antioquianos. As aspirações ascéticas do imperador politeísta são contrastadas com o comportamento desrespeitoso dos antioquianos cristãos. Neste ínterim, *Juliano e a imagem de Antioquia no Misopogon* oferece-nos reflexões sobre um processo de transição da cidade clássica para a pós-clássica, desenvolvido na dinâmica de rupturas e de permanências. E, em um momento no qual pululam documentos edificadores de cidades perfeitamente cristãs, este antipanegírico permitiu a Gilvan Ventura da Silva analisar a imagem idealizada por um governante politeísta para uma cidade tardo-antiga. O que nos leva a considerar as particularidades temporais e espaciais de *cada história*.

Já em *Cidade, poder e conflito no século IV d.C.: Antioquia de Orontes, Laodiceia do Mar e a disputa pelo status de metrópole*, Érica Cristhyane Morais da Silva problematiza o termo "metrópole" aplicado a algumas cidades tardo-antigas, bem como a própria disputa por este título cívico. A autora sugere que ponderar sobre os motivos que levavam cada cidade a requerer para si tal titulação enriquece o entendimento de diversas disputas ocorridas

durante a Antiguidade Tardia. Ao observar, ainda, que os títulos cívicos eram concessões imperiais, exalta-se a importância das relações desenvolvidas entre os imperadores e as cidades.

Como podemos perceber, a diversidade de metodologias e de documentos utilizados pelos escritores desta obra demonstra a vastidão e a riqueza dos estudos sobre questões referentes às fronteiras e às identidades na Antiguidade romana. Novamente, olhares plurais e investigativos foram lançados sobre processos históricos e constataram o valor da História para a compreensão de assuntos tão atuais para uma sociedade como a nossa, a qual convive com a dialética de se diferenciar e se globalizar concomitantemente.